



Manifesto do CERQUI

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

28 de abril de 2023

Por um 1º de Maio operário, socialista e internacionalista

O capitalismo está esgotado, em decomposição irreversível, e não pode deixar de atacar nossos direitos o tempo todo. A guerra na Ucrânia se prolonga, pode se estender por todo o mundo e se aprofundar por decisão dos EUA

Somente a classe operária, com sua política, organizada, com seus métodos de luta, pode derrotar o imperialismo, pôr fim à guerra na Ucrânia e estabelecer uma paz sem anexação

As condições de vida e de trabalho pioram ano após ano, década após década. A situação da maioria explorada e oprimida não para de retroceder. O que se passa também nas semicolônias e nas metrópoles. O esgotamento do capitalismo, sua decomposição, nos empurra para a barbárie em todas as suas formas. Não só não pode melhorar nossas condições de existência, mas também as destrói o tempo todo. Os desempregados ultrapassam os 200 milhões, as condições de trabalho são precárias, se somam as imigrações de milhões de pessoas devido às guerras, falta de trabalho e miséria.

A resposta à pandemia mostrou dramaticamente até que ponto chega a voracidade do capital financeiro para impor as suas próprias vacinas, bloquear o acesso às vacinas da China ou da Rússia, e também todas as condições de acesso às mesmas ou aos equipamentos médicos necessários. Os milhões de mortos e o enorme sofrimento da maioria mostraram que o capitalismo é incapaz de cuidar da saúde dos habitantes. As penúrias atuais nos fazem esquecer as terríveis situações que vivemos recentemente e que se podem repetir.

O imperialismo para sobreviver destrói as forças produtivas e promove a guerra comercial e as guerras bélicas. Principalmente os EUA, que querem manter a qualquer custo sua hegemonia no mundo, usando a OTAN, seu braço armado. Querem obter o controle das matérias-primas essenciais e dos produtos de alta tecnologia. Querem impedir que a China dispute sua hegemonia. Sua intervenção militar e suas sanções econômicas causaram maior instabilidade na economia, com aumentos significativos nos preços de energia e alimentos que elevaram a inflação em todo o mundo. A sua política visa a impor uma nova ordem mundial, uma vez que já se esgotou a partilha do mundo acordada após a Segunda Guerra.

Os Estados Unidos provocaram a guerra na Ucrânia faz mais de um ano, apertando o cerco econômico e militar à Rússia, que já causou a morte de milhares, a migração de milhões de pessoas, a destruição de casas, fábricas, campos, estradas, rede elétrica etc. Uma guerra que envolve todos os países membros da OTAN, que fornecem armas, com ajuda financeira e instruções há vários anos. Os Estados Unidos querem prolongar a guerra ao máximo que puderem, causarem o maior desgaste possível à economia da Rússia e, se possível, derrubar seu regime. O objetivo é apoderar-se de seus enormes recursos, empresas estatais, dominar seu território e subjugar suas Forças Armadas. O conflito se transformou no confronto militar mais importante desde a Segunda Guerra Mundial.

A guerra imposta pelos EUA provocou uma crise econômica maior na Europa, atingindo principalmente a Alemanha, pressionando os setores industriais a transferirem sua produção para os EUA. Sua prepotência provoca fricções e choques entre as potências, uma vez que somente os Estados Unidos podem beneficiar-se prejudicando seus aliados militares. Uma extensão do conflito à China aprofundará esses atritos, já que seus parceiros não concordam em aderir às sanções econômicas.

A OTAN definiu a Rússia e a China como seus inimigos e monta provocações contra a China. Existe um perigo real de que a guerra militar se prolongue e se estenda. Cresce o militarismo. Uma proporção cada vez maior dos orçamentos se destina à produção e compra de armas. A sobrevivência do imperialismo garante um futuro de guerras permanentes em qualquer região. Deve-se atentar para o fato de que a Alemanha e o Japão, potências derrotadas na Segunda Guerra Mundial, estão se rearmando.

Na América Latina, os EUA pressionam ao máximo para disciplinar países, governos, transferindo sua guerra comercial contra a China, tentando impedir seus investimentos, acordos comerciais ou acesso à tecnologia. Buscam impor o alinhamento por trás de sua estratégia e as condições de saque dos seus recursos. Ao mesmo tempo, não têm nada a oferecer, o papel que a China ocupou por anos não pode ser substituído pelo retrocesso dos EUA. O que fazem é reforçar sua presença militar no Atlântico, nas Malvinas e pressionam para aumentar suas bases militares.

O capitalismo vive uma época de profunda decomposição do imperialismo, destruindo forças produtivas, saqueando, provocando guerras e atacando as condições de vida e trabalho das massas. Não há como realizar uma marcha para trás. Essa incapacidade de fazer concessões às massas se expressa nas tendências direitistas, autoritárias, ditatoriais e fascistas dos regimes políticos de muitos países, abandonando inclusive as formas democráticas de dominação.

Diante de tal situação, torna-se mais visível a incapacidade e covardia de governos e lideranças políticas e sindicais reformistas, nacionalistas, socialdemocratas, estalinistas etc., para dar uma resposta à altura das necessidades. Submetem-se à sua burguesia e ao imperialismo, prevalecendo suas políticas de conciliação de classes.

Torna-se mais visível a profunda crise de direção revolucionária das massas para responder com os seus métodos, com a sua política, com a sua estratégia, que oriente a revolta das massas

para a única saída, a revolução social, que coloque fim ao parasitismo financeiro, à dominação do imperialismo, que expropria os principais meios de produção, para libertar definitivamente as forças produtivas e, assim, poderem desenvolver-se plenamente.

O problema da direção revolucionária colocado por esta estratégia independente, de classe, socialista, revolucionária aparece em toda parte, e, especialmente, na Europa, que precisa mais do que nunca que a classe operária se levante contra a guerra, enfrentando a presença da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos em seu território, contra o crescente militarismo. Somente a classe operária, organizada, independente e em luta pode derrotar o imperialismo e pôr fim à guerra, que ameaça os explorados, enfrentar seus governos e estabelecer uma paz sem anexação.

A classe operária já tropeçou em todas as pedras possíveis na tarefa de pôr em pé sua direção. É preciso fazer um balanço profundo de todas as experiências, aprender com todos os erros e desvios. Há mais de 100 anos, a socialdemocracia passou para o terreno do imperialismo ao colaborar na 1ª Guerra Mundial com a burguesia de cada potência em guerra. Depois, o estalinismo também demonstrou o fracasso de sua política antimarxista, de pretender que se podia “construir o socialismo em um só país”, de dissolver a Terceira Internacional, ao propor a “coexistência pacífica” com o imperialismo, suas políticas de frente popular com as burguesias denominadas de “progressistas”, de acreditar que havia caminhos pacíficos para o socialismo etc. A derrubada da URSS foi o ápice da derrubada de sua política que levou a perda de valiosas conquistas das massas e ao restabelecimento do capitalismo em vários países onde a grande propriedade tinha sido expropriada. Por sua vez, a IV Internacional não esteve à altura de ocupar o lugar vago da direção internacional e suas direções - agora sem Trotsky à frente - passaram de posições de frente populistas e pró-estalinistas nos anos 1950 para a reivindicação do foquismo nos anos 1960/70 e o democratismo vulgar, abandonando o programa da Quarta Internacional, que continua vigente. O revisionismo em todas as suas formas causou grande dano à tarefa histórica de estabelecer o Partido Mundial da Revolução Socialista. O marxismo-leninismo-trotskismo continua de pé, suas contribuições ao comunismo científico continuam absolutamente válidas. As direções, que traíram suas bandeiras, que as substituíram, foram derrotadas.

Hoje é mais que urgente e necessário construir essa direção que expresse conscientemente a revolta das massas e as oriente para sua estratégia de poder. Uma revolta das massas está ocorrendo na Europa, com a França na liderança contra a reforma da previdência, com várias greves gerais de todas as centrais sindicais e mobilizações e ações radicalizadas para exigir do governo que reverta sua reforma. Na Inglaterra, houve greves históricas desde o ano passado, agora, na Alemanha, lutas que não aconteciam há mais de 3 décadas ocorreram. Houve greves em outros países. O movimento de massas na Europa está ligado às grandes lutas dos últimos anos na América Latina e nos Estados Unidos. O denominador comum é a revolta contra uma situação que não pode mais ser suportada.

Os revolucionários devem partir daí, dessa luta vital pelo pão, pelo trabalho, pelos orçamentos de moradia, saúde e educação que estão no centro de todas as reivindicações, para entroncá-las às lutas contra todas as formas de pilhagem e subjugação das nações oprimidas, levantando a necessidade da maioria oprimida se organizar nas semicolônias em uma frente única anti-imperialista, sob a direção política da classe operária, para lutar por seu próprio poder político. O alerta deve estar presente o tempo todo sobre o perigo da guerra que ameaça se tornar global e cujos efeitos atingem todos os trabalhadores. Sobre a necessidade da classe operária internacional tomar em suas próprias mãos a luta para acabar com a dominação dos EUA e das potências imperialistas, que se valem da OTAN.

Essa política só pode ser imposta com luta, com métodos próprios, com os métodos que conquistamos e defendemos os direitos trabalhistas e sociais. É necessária a luta unida de todos os trabalhadores, de todos os oprimidos. Não há acordo possível, não há consenso ou conciliação possível, com os exploradores e saqueadores, nem com seus governos. Para travar esta luta, é preciso conquistar a independência política diante de todas as variantes da burguesia e da pequena burguesia. Estamos lutando para que os sindicatos e centrais tomem em suas próprias mãos esta luta conjunta, devemos arrancá-los das mãos dos governos e partidos patronais.

A luta pela independência política do proletariado se concentra na construção do partido revolucionário em cada país, como parte da Quarta Internacional. Partidos que encarnem as melhores tradições do bolchevismo, em torno à estratégia da revolução proletária, da revolução social que conduz a classe operária como direção indispensável, para lutar pelo poder político, pela ditadura do proletariado, para acabar com a ditadura do capital e impor a democracia pela primeira vez aos oprimidos, ajudando a constituir assembleias populares, soviets, coordenadoras de assembleias ou como quer que sejam chamados seus organismos.

Por que a classe operária? Porque é a única classe que não tem vínculo com a propriedade dos meios de produção, com a grande propriedade, porque demonstrou que é a única que pode lutar conseqüentemente contra o imperialismo, que pode defender a nação oprimida e que tem um programa de reconstrução da sociedade sobre bases socialistas, acabando com o caos e a anarquia capitalista. O capitalismo está esgotado, portanto, é preciso acabar com ele antes que seja tarde demais. Esta é a situação que é colocada objetivamente. Aqueles que prometem outra saída estão alimentando uma nova ilusão, uma nova frustração. Basta!

Este 1º de maio, tem de ser aproveitado para fazer um balanço de todas essas questões.

O partido é o programa, onde se concentra a experiência e a tradição da classe operária internacional. É a caracterização da etapa atual em que se encontra a luta de classes internacional e a necessidade histórica, urgente e imprescindível de resolver esta tarefa.

- **Viva a classe operária internacional!**
- **Morte à burguesia e ao imperialismo!**
- **Viva a revolução social! Viva a ditadura do proletariado! Viva o socialismo!**
- **Glória a todos os mártires da classe operária, que deram suas vidas para transformar essa sociedade e libertar o mundo de suas cadeias!**